

## MENORES

# SOS enfrenta resistência de jovens nas ruas

*Cinco equipes de educadores percorreram as ruas do Centro oferecendo banho, educação e cursos profissionalizantes aos garotos em vez de esmolas, mas só 9 dos 54 abordados aceitaram a proposta*

FABIANA GITSIO

Educadores do SOS Criança saíram ontem às ruas do Centro para recolher meninos e meninas de rua e tentar despertar neles mais do que valores passageiros. Em vez de esmolas — que aumentariam vertiginosamente com a proximidade do Natal e costumam ser trocadas por pedras de crack — a oferta de banho, educação e cursos profissionalizantes. Dos 54 menores abordados, apenas 9 aceitaram a proposta.

A ação, que já costuma ocorrer, será intensificada até 12 de dezembro. Cinco equipes foram para as Praças da República, Roosevelt, Sé e Ramos, além do Largo São Bento e do Vale do Anhangabaú. A partir de hoje, os educadores também irão para as regiões da Paulista, do Paqueta, dos Jardins e de Moema.

Segundo Paulo Vitor Sapienza, coordenador do SOS, nessa época a rua fica ilusoriamente mais solidária. "No dia 26 de dezembro, a mesma pessoa que deu esmolas e presentes já não quer mais saber da criança", acredita.

Na Praça da República, o primeiro lugar da visita, apenas L.F. e G., ambos com 16 anos e viciados em crack e cola, resolveram ir para o SOS. "Ó tia, aqui ninguém vai sair do vício não", avisou à educadora C., uma menina de 17 anos que mora na praça e, a exemplo de todos seus amigos, cobria toda a cabeça com a blusa. A educadora perguntou se a garota conhece o Estatuto da Criança e se trabalha. "Nosso trabalho é fugir da polícia dia e noite", disse.

E haja negociação. C. garantiu que

quer se tratar do vício e a educadora, por sua vez, disse que pode conseguir uma clínica.

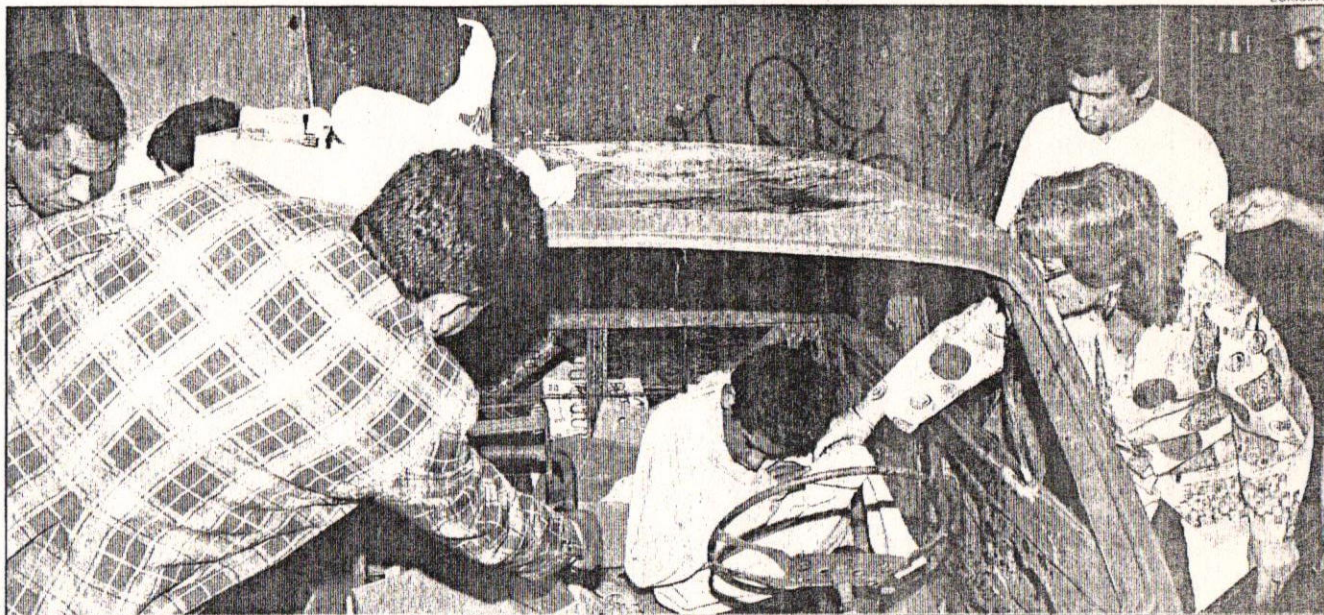
"Sair de um sofrimento para entrar em outro é pior", ponderou a menina, que perdeu a guarda do filho e tem mãe e irmãos. "Tenho força de vontade e quando eu não quero fumar, não fumo porque Deus me ajuda", disse. Depois de 20 minutos de conversa, C. aceitou preencher uma ficha. Só aí se sentiu à vontade para mostrar o rosto.

**Só com droga** — Uma hora depois, C. estava disposta a ir para o SOS, mas só se o amigo *Topo Gigio*, de 15,

fosse também. Ela fez questão de dizer que ele não é seu namorado. "Se eu tiver um grão de arroz dividido com ele, que faz o mesmo comigo", orgulha-se a menina. "O resto não; só cumprimentam se a gente tem a droga na mão." *Gigio* pensou, pensou, mas resolveu pelos dois não ir.

Os hippies que moram e vendem artesanato na Praça da República também foram abordados pelo SOS. Pelo menos os que têm filhos. Algumas mães chegaram a ir até a instituição para receber leite e cesta básica. Outras, por enquanto, resistiram.

Foi o caso de R., de 35 anos, mãe de uma menina muito bem cuidada de 4, que não pretende que a filha estude, ao contrário do que reza o Estatuto da Criança e do Adolescente. "Não quero deixar minha filha junto com as crianças do Sistema", justificava. "Ela mora em todas as praças do Brasil e está vendo a realidade da vida; nunca vai ter curiosidade sobre drogas até porque sou consumidora."



R., de 15 anos, morava na carcaça de um carro na Praça Roosevelt; garoto disse que havia fumado muito crack na noite anterior



C., de 17 anos, na Praça da República: desejo de largar o crack

